

COMPARANDO O PORTUGUÊS DA AMÉRICA COM O PORTUGUÊS DE PORTUGAL E COM OUTRAS LÍNGUAS¹

MARY A. KATO (UNICAMP)

O português teve muitas transformações nas terras brasileiras. A língua mudou não apenas nos aspectos fonético-fonológicos e lexicais, mas também nos sintáticos. Entenda melhor essas diferenças no texto de Mary Kato.

Para ler com proveito este texto, alguma formação linguística é requerida, para uma compreensão mais adequada das respostas aqui oferecidas.

Índice

1. [O que se tem descoberto sobre a gramática do Português Brasileiro falado?](#)
2. [O que se tem descoberto ao comparar o Português Brasileiro ao Português Europeu?](#)
[Aspectos diacrônicos e translingüísticos do PB](#)
 - 2.1 [A ordem sentencial no Português Antigo \(PA\) e Clássico \(PC\)](#)
 - 2.2 [O sujeito nulo no PA e no PC](#)
 - 2.3 [Os sistema de clíticos no PA](#)
3. [As mudanças mais recentes](#)
 - 3.1 [A posição do foco contrastivo](#)
 - 3.2 [O declínio do sujeito nulo e da ordem V\(X\)S](#)
 - 3.3 [A posição dos clíticos](#)
 - 3.4 [O aparecimento de um paradigma de pronomes fracos](#)
 - 3.5 [O Português Brasileiro Contemporâneo como língua de proeminência de tópico](#)
4. [Conclusões](#)
5. [Referências](#)

1. O que se tem descoberto sobre a gramática do Português Brasileiro falado?

Desde os primeiros estudos filológicos e lingüísticos desenvolvidos no Brasil, vêm se reconhecendo as diferenças entre o português europeu (EP) e o português da América,

¹Uma versão reduzida deste trabalho foi apresentada no Congresso da ALFAL, 2005, Monterrey, México, em conferência plenária, sob o título: *O Português na América*. Agradeço à Ilza Ribeiro, Maria Eugénia Duarte pela leitura da versão original deste texto e ao Ataliba de Castilho, presidente da ALFAL na ocasião, por ter me emprestado a sua voz na apresentação deste trabalho no referido Congresso.

falado no Brasil (PB), não apenas nos aspectos fonético-fonológicos e lexicais mas também nos sintáticos. Há ainda uma vasta literatura polêmica sobre as origens dessas diferenças, desde a proposta de que o PB teria se originado de uma língua crioula que se descrioulizou (Guy, 1989) à que atribui as suas características peculiares a um processo natural de deriva (Naro 1981; Tarallo 1993, Naro & Scherre, 2000), ou ainda a um processo de criouliização entendido como algum tipo de transmissão lingüística irregular ou descontínua (Baxter e Luchesi , 1997).

O objetivo deste trabalho não será o de abordar essas questões polêmicas, mas o de trazer alguns dos resultados obtidos nos projetos em que estive envolvida. São eles:

- a) o **Projeto Diacrônico** baseado em peças teatrais do período clássico ao moderno, coordenado por mim, por Fernando Tarallo (†) e por Ian Roberts (cf Roberts & Kato, 1993)
- b) os trabalhos do **Projeto Relações Gramaticais**, coordenado por mim e por Milton do Nascimento, um sub-projeto do Projeto da Gramática do Português Falado, sob a coordenação geral de Ataliba de Castilho, (vide resultados na Série *Gramática do Português Falado vols I,II,III,IV,V,VI,VII,VIII*) e
- c) o Projeto comparativo **Português Europeu/Português Brasileiro: unidade e diversidade na passagem do milênio**, coordenado por mim e por João de Andrade Peres (v. *Atas da Associação Portuguesa de Linguística*, 2001, *Atas da Associação Brasileira de Linguística* (ABRALIN), 2003, e *Journal of Portuguese Linguistics*,3,1, 2005)

Nos três projetos, a teoria utilizada foi, em sua maior parte, a dos Princípios e Parâmetros, com vários deles utilizando a metodologia da Teoria da Variação.

Na primeira parte deste trabalho examinarei o Português em uma perspectiva diacrônica translingüística, comparando-o com línguas germânicas e românicas e, na segunda parte, mostrarei o perfil sincrônico do PB. Para dar aqui uma idéia impressionística de sua gramática atual, o Português contemporâneo da América se parece, em alguns aspectos, com o inglês, língua que mais se afastou das suas irmãs germânicas. Também

se parece, em alguns aspectos, com o francês, língua que mais se afastou das línguas românicas. Finalmente, o PB apresenta hoje algumas propriedades similares às de línguas de proeminência de tópico, asiáticas, como o chinês e o japonês.

2. O que se tem descoberto ao comparar o Português Brasileiro ao Português Europeu? Aspectos diacrônicos e translingüísticos do PB

2.1A ordem sentencial no Português Antigo (PA) e Clássico (PC)

O português foi um tipo de língua V2 até o século XVII (Ribeiro, 1995; Torres Morais, 1993)². As características V2 nas sentenças raízes do português antigo (PA) se refletem, sobretudo, em construções com a ordem XVS, as que melhor ilustram os efeitos da sintaxe V2:

- (1) a. Com tanta pazeença **sofria** ela esta enfermidade (séc.14)
- b. Com estas e outras taaes rrazoões **arrefeço** el-rrei de sua brava sanha(séc 15)
- c. E esta vertude de pazeença **ouve** este santo monge Libertino mui compridamente (séc 14)

Em consonância com sua gramática V2³, uma forma de focalizar contrastivamente no PA era colocar o foco na posição inicial (Kato e Ribeiro, 2005), em uma construção pseudo clivada inversa⁴, com *é o que*, como se vê também no alemão hoje⁵:

- (2) a. VERDADE **he** o que tu ouvisti. (séc. 14)
 - b. AQUESTO **he** o que todos devemos a fazer. (séc. 14)
 - c. DEUS soo **é** o que me ha de julgar. (séc. 13)
-
- (3) a. RICHTIG **ist** (das), was du gehört hast.

² Nesses períodos ainda não se pode falar em PB.

³ O PA não é uma língua de V2 no sentido estrito de refletir sempre o efeito V2 linear (como ocorre no alemão moderno), porque licencia estruturas V>2 e também V1. Ribeiro (1995) analisa o PA como um sistema V2 técnico, no sentido de que o verbo ocupa sempre uma posição alta na periferia à esquerda das sentenças raízes (o núcleo de CP) e deriva as possibilidades de V1 da propriedade de sujeito nulo do PA.

⁴ Note-se que a pseudo-clivada é composta aqui de um predicado, a cópula e uma relativa livre.

⁵ Agradeço a George Kaiser e Eva Schlachter pela ajuda com exemplos do alemão.

Certo é o que tu ouviste

- b. DIESE CD **war** die, die er mir gegeben hat
este CD foi o que ele me deu

Da mesma forma que essas construções declarativas, a construção interrogativa-Q até o período clássico, no Português, obedecia ao padrão V2:

- (4) a. Que **tem** Deus de ver comigo? (séc. 16)
b. (Prudência), que **dizeis** vós? (séc. 16)
c. Como **posso** eu caber aí? (séc. 18)

2.2 O sujeito nulo no PA e no PC_

Ao contrário das línguas germânicas atuais, porém, o PA e o Português Clássico (PC) se caracterizavam como gramáticas de sujeito nulo⁶, com um rico sistema de flexões, de natureza pronominal, o que explica suas sentenças de ordem V1 (cf Ribeiro, 1995; Kato e Ribeiro, 2005)⁷:

- (5) a. **Quero** que mh'o digas e **desejo** mui de coraçõ a saber (séc. 14)
b. **Mandamos** que...(séc. 14)
c. **semelha**-me que... (séc. 14)
f. **Acaeceu** en outro tempo que...(séc. 14)

As construções V2 também se realizam mais com a forma XV do que XVS, como em:

- (6) a. e en esto **pecava** ainda mortalmente (séc. 14)
b. e con muitas lagrimas **dava** con a cabeça en terra (séc. 14)
c. E tan vilmente **andava** vestido (séc. 14)

⁶ Nesse sentido, o português se assemelhava ao francês antigo, que também era uma língua V2 e de sujeito nulo (V. Adams, 1987, e Roberts, 1993).

⁷ A posposição era mais do tipo VSX do que a do tipo inversão românica VXS

O final da fase V2 vê aparecer a estrutura clivada inversa, com *é que*, que também coloca o foco na posição inicial e com a cópula ocupando a posição V2⁸. Não havia, porém, casos de “it-cleft”, com expletivo nulo, apesar do Português ser, nessa época, uma língua de sujeito nulo.

- (7) a. E ISSO **é que** se chama postura, ou posição reta. (séc. 18)
b. PARA ELE **é que** se olha, e não para a usurpação; (séc.18)

2.3 Os sistema de clíticos no PA

O PA contava com um sistema rico de clíticos pessoais e não pessoais como se vê em (8), e estruturas de redobro clítico como em (9), propriedade que junto com as de sujeito nulo, o PA compartilhava com as línguas românicas. Esse período apresenta ainda as sentenças com interpolação⁹ como em (10) (v. Castilho, 2005):

- (8) a. **doulas** en tal condizõ a Sancta Maria...(séc 13)
b. Desta guisa **o** teveron fora do camio ...(séc.13)
c E dé o aluguer do tempo que **y** morou e nõ mais. (séc. 13)
d. que o segurou que nom moriria daquelas chagas mas que seria **en**
cedo são com ajuda de Deus. (séc. 13)
- (9) a. Dizen que **lh’ a el** mais val/ esto que diz, ca non al (séc. 13)
b. ...e os coudees morrerom **hy na batalha**. (séc.13)
e. Quite-**mi a mi** meu senhor ...(séc. 13)
- (10) a E a mha cabeça, ja **a el** ten metuda na sa boca (séc. 13))
b.Ainda **vos** eu mais direi (séc. 13)

⁸ Mas a clivada não é constituída por uma relativa livre como a pseudo-clivada. em lugar de *é o que* temos *é que* (V. Kato et alii, 1995, para uma descrição detalhada dessas construções no PB).

⁹ Esse é o nome que se dá à posição alta do clítico, que podia aparecer antes da negação ou antes até do sujeito.

Os clíticos locativo e partitivo e o fenômeno do redobro com clíticos não pessoais desaparecem já no final do PA, mas os clíticos pessoais (com e sem redobro) subsistem por mais tempo, como veremos. O desaparecimento dos clíticos não-pessoais coincide ainda com o declínio da interpolação.

Enquanto uma língua prototípica de sujeito nulo, o Português clássico respeitava ainda outra característica das línguas de sujeito nulo, a saber , o movimento longo do clítico (Kayne, 1987). Pagotto (1993) mostra que esse era ainda o padrão encontrado no século XVIII, quando ainda havia resquícios de interpolação, como se vê no exemplo (11)b:.

- (11) a. Este inverno **me** tem feito bastante estrago. (séc. 18)
b. ...afim deque entrando povo, que sem estabelecimento **o** não quer fazer
(séc.18)

3. As mudanças mais recentes

3.1 A posição do foco contrastivo

A partir do século XVIII começa o declínio do padrão V2. É quando começam a surgir as clivadas canônicas declarativas, analisadas por Kato e Ribeiro (2005) como motivadas pela criação de um Comp *que*_{+Foco}, selecionado pela cópula:

- (12) a. **É O REI LEGÍTIMO** **que**_{+Foco} devemos opor ao usurpador. (séc.18)
b. **É NAS MÃOS DE VOSSA EMINÊNCIA** **que**_{+Foco} eles depositam hoje a sorte da Igreja e da França (séc 18)
c. **É DE INGLATERRA E FRANÇA** **que**_{+Foco} hão-de partir todos os raios.
(séc. 18)

As clivadas canônicas inexistem no alemão, língua V2, mas existem no inglês (Sornicola, 1988), e no francês, línguas que, como o PE contemporâneo (PECC) e o PB contemporâneo (PBC), perderam suas propriedades V2 :

O PE contemporâneo PEC manteve a construção V2 clássica para a linguagem escrita formal e a clivada com **é que** para a língua falada (Kato e Mito, no prelo). O PB contemporâneo (PBC), por outro lado, perde totalmente o tipo V2¹¹ e acompanha o francês no uso da pergunta clivada, do tipo em (14).

O espanhol é o mais conservador entre essas línguas, mantendo ainda a forma pseudo-clivada, como nas línguas V2 (cf. Lopes Rossi, 1996).

- (17) a. Que **es lo que** estoy diciendo?
b. *Que **es que** estoy diciendo?

- (18) a. Donde vives?
b. *Donde **es que** vives?

O PBC não pára aí com as mudanças. A pergunta clivada com **é que** sofre um processo de enfraquecimento, ou apagamento da cópula em PF (cf Kato e Raposo, 1996)¹², dando como consequência as formas em (19) , formas essas partilhadas pelo francês coloquial (Jones, 1996), mas não pelo PEC:

- (19) a. Onde **que** você vai? (séc. 20)
b. Que **que** eu faço? (séc.20)
c. Eu quero saber por que **que** ela está no Agreste? (séc.20)

- (20) a. Où **que** tu va?
b. Pour quoi **que** tu a fait ça?

As formas em (19) convivem em variação com as formas em (21), sem o **que**, podendo estas ser analisadas como uma variante ditada por uma regra estilística que apaga o **que**

¹¹ Há alguns casos de padrão QVS, mas são construções com verbos que permitem a ordem VS em declarativas, não constituindo casos de V-para-Comp.

¹² O fato é analisado como um processo de gramaticalização em Duarte, 2000.

(Kato e Miotto, no prelo)¹³. O francês também apresenta essa forma (Jones, 1996), mais bem aceita do que a forma com o **que** sozinho¹⁴.

- (21) a. Onde você vai? (séc. 20)
b. O que eu faço? (séc. 20)

- (22) a. Où tu vas?
b. A quoi ça sert?

3.2 O declínio do sujeito nulo e da ordem V(X)S

A perda do V2 e a conseqüente entrada das interrogativas-Q clivadas não coincide com a perda das propriedades do sujeito nulo, como ocorreu no francês médio (Adams, 1987, Roberts, 1993). Em documentação do século XX Lopes Rossi (1996) encontra sujeitos nulos tanto em interrogativas do tipo (23) quanto do tipo (24), sendo as primeiras menos frequentes:

- (23) a. Que vai fazer? (séc. 20)
b. E por que pagavam? (séc 20)
c. Por que não aproveita?

- (24) a. Fale, quando **é que** o enganei?
b. Donde **é que** me falam?
c. Onde **foi que** aprendeu aquelas coisas bonitas que nos disse no jantar?
(séc. 20)

Além disso, o PEC é uma língua de sujeito nulo e pode apresentar-se sem o sujeito em interrogativas clivadas, como se vê no exemplo (25)

- (25) Como **é que** reage perante esta eventualidade?

¹³ Como o PB nessa época começa a perder também o sujeito nulo e suas outras propriedades, pode-se pensar que uma regra estilística se antecipou a uma regra gramatical

¹⁴ Agradeço a Charlotte Galves pelos seu julgamento de aceitabilidade

O PB do século XIX e princípios do século XX apresenta ainda um comportamento compatível com o das línguas românicas de sujeito nulo, como o italiano, o espanhol e o PEC, que obedecem ao princípio a que Chomsky (1981) se refere como “Evite Pronome” (cf. Duarte, 1993, 1995,2000).

- (26) a. Quando (cv)_i te **vi** pela primeira vez, (cv)_i não **sabia** que (cv)_i **eras** viúva e rica. (séc. 19)
- b. **Tua filha**_i lamentar-se-á, (cv)_i chorará desesperada, não importa (...) Depois que (cv)_i estiver no convento e acalmar-se esse primeiro fogo, (cv)_i abençoará o teu nome e, junto ao altar, no êxtase de sua tranqüilidade e verdadeira felicidade, (cv)_i rogará a Deus por ti. (séc. 19))

Também apresentava, até o século XIX (Berlinck, 1995, 2000), inversões do tipo (X)VYS , com foco no sujeito:

- (27) a. Tocou à minha cunhada, como principal bem de fortuna e fonte de renda, **a conhecida fábrica de meias da rua de Santa Engrácia**. (séc. 19)
- b. Ora, daí em diante, começaram a chegar à minha mulher **as negras notícias a meu respeito**. (séc. 19)

Tal situação, entretanto, muda radicalmente na segunda metade do século XX, quando passam a predominar

a) os sujeitos referenciais foneticamente representados, como ilustram os exemplos da peça de 1992 a seguir (Kato *et alii*, no prelo):

- (28) a. Se **eu** ficasse aqui **eu** ia querer ser a madrinha. (séc. 20)
- b. **Você** não entende meu coração porque **você** ‘tá sempre olhando pro céu e procurando chuva. (séc. 20)
- c. Agora **ele** não vai mais poder dizer as coisas que **ele** queria dizer. (séc. 20)

b) a construção com sujeito final (inversão românica) passa a ser igualmente pouco comum no século XX. Vamos encontrá-la restrita quase que apenas a sentenças com verbos monoargumentais, como previsto em Kato e Tarallo (1988), em especial verbos inacusativos e copulativos, como nos exemplos abaixo:

- (29) a. O resfriado tem só uma grama rasteira, é **nítida a mudança de aspecto da chapada para o resfriado** e do resfriado para a vereda.(séc.20)
b. Não é mais dramático **um salto daqui de cima...** (séc. 20)
c. Com quem surgiu **esse conceito?** (séc.20)

3.3 A posição dos clíticos

Com a mudança do parâmetro do sujeito nulo, o PBC não exibe mais o movimento longo do clítico, no final do século XIX e XX.¹⁵ Este passa a exibir próclise ao verbo temático (Pagotto, 1993, e Cyrino, 1993):

- (30) a. João não [**me vai**] dar o livro. (séc 18: 100%) (Cyrino, 1993)
b. João não vai [**me dar**] o livro (séc. 20: 100%) (Cyrino, 1993)
c. [**Me manda**] uma mensagem. (séc. 20: língua falada)

Essa mudança é praticamente concomitante, segundo Cyrino, ao o aparecimento do objeto nulo referencial, do tipo chinês (Huang, 1984) (Galves (1989) e em Cyrino (1993, Nunes, 1993; Kato, 1993).

- (31) a. Já viu que o nosso cinema virou clube i... E o burro... que limpe (cv)_i depois!
(séc. 20)
b. ... quando eu fui no curral, peguei um bocado de bosta_i de vaca e taquei (cv)_i em cima do ferimento... (séc. 20)

É razoável considerar esse fenômeno como advindo da perda dos clíticos de 3ª pessoa, quando muda a direção de cliticização da direita para a esquerda, conforme proposto

¹⁵ A exceção são as construções passivas, que mantêm o movimento longo (cf. Pagotto, 1993)

em Nunes (1993). Em consonância com essa visão, Kato (1993) analisa o objeto nulo brasileiro como um clítico nulo, já que os demais ainda existem e o nulo completaria o paradigma (*me-*, *te-*, $-\emptyset$).

3.4 O aparecimento de um paradigma de pronomes fracos

A perda do sujeito nulo é atribuída por Kato (1999) ao aparecimento de um paradigma de pronomes fracos¹⁶, quasi-homófonos aos fortes, que vem compensar a perda do sistema de concordância pronominal. Não só o sujeito pronominal começa a vir expresso, mas estruturas de redobro pronominal começam a ser freqüentes (cf. Duarte, 1995; Britto, 1998, 2000):

- (32) a. EU, ô vou. (ô = eu)
b. VOCÊ, cê vai. (cê = você]

Kato (2002) considera que, ao contrário dos pronomes fortes, que têm nominativo por “default”, os fracos no PB têm o nominativo atribuído/chechado estruturalmente.

- (33) [ELE]_{defNom}, [IP ele_{nom} vai (Kato, 1999)

A consequência disso é o aparecimento de formas morfologicamente não acusativas em posição de objeto, no final do século XIX (cf. Cyrino, 1993), como se pode ver nos exemplos de textos do séc. XX, de Kato e Raposo (2001):

- (34) a. D. Senhorina – Você não botou **ele** para fora de casa, três dias depois do
casamento? (séc. 20)
b. Jonas – Deixa **ela** comigo!... (séc. 20)
(Nelson Rodrigues, Álbum de família: p. 65)

¹⁶ Nunes (1990) já havia mostrado, em trabalho de fonologia, a redução fonológica dos pronomes. O que aconteceu, na verdade, é que os pronomes fortes continuam existindo, criando-se o paradigma dos fracos a partir dos fortes.

O PBC reduz ainda o uso dos possessivos pré-nominais de 3ª pessoa para a 2ª pessoa indireta, sendo a forma invariante **ele** usada com preposição para o possessivo de 3ª pessoa, no lugar de *seu/sua*. O que temos então é a mesma forma pronominal ocorrendo em qualquer função:

- (35) a. **Ele** ama a Maria. (séc. 20)
 b. Mas Maria não ama **ele**. (séc. 20)
 c. Ela disse para **ele** que não quer casar com **ele**. (séc. 20)
 d. Os pais **dele** estão aborrecidos com isso. (séc. 20)

O mesmo comportamento se verifica com os pronomes nominais *ocê, vocês e a gente*, tanto no PB quanto no PE:

- (36) a. **Você** ama a Maria. (séc. 20)
 b. Mas Maria não ama **ocê**. (séc. 20)
 c. Ela disse para **ocê** que não quer casar com **ocê**. (séc. 20)
- (37) a. **A gente** ama a Maria. (séc. 20)
 b. A Maria ama **a gente** (séc. 20)

Essa extensão do comportamento nominal simétrico ao pronome *ele/ela/eles*¹⁷ é um aspecto que afasta o PB de outras línguas românicas, ricas em clíticos, com caso inerente, e aproxima-o das línguas asiáticas, como o chinês e o japonês, cujos pronomes não têm caso inerente. Os pronomes *ele/ela/elas* têm, portanto, o mesmo comportamento do nome, como no japonês:

- (38) a. **Kare-wa** Mari-o ai-site-iru. (= 31a)
 b. Keredomo, Mari-wa **kare-o** ai-site-inai. (=31b)
 c. Kanojo-wa, **kare-ni** kekon-sitaku-nai to iutta. (=31c)

¹⁷ Em crianças em fase de aquisição e nos iletrados, esse comportamento indiferenciado dos pronomes atinge até o pronome de primeira pessoa:

- (i) **Eu** pus o João na lista
 (ii) João pôs **eu** na lista.

d. **Kare**-no oya-ni-wa sore-ga kini-iranai. (=31d)

O empobrecimento do sistema de concordância para um sistema quase uni-pessoal é outro aspecto que aproxima o PB dessas línguas. No PB, a perda do **tu**¹⁸ e a entrada da segunda pessoa indireta **você** (gramaticalmente terceira pessoa) e a substituição de **nós** por **a gente**, reduz o sistema flexional à metade, obrigando-o a expressar o pronome sujeito.

3.5 O Português Brasileiro Contemporâneo como língua de proeminência de tópico

Essas inovações desembocam num tipo de língua que os lingüistas brasileiros vêm considerando como sendo uma língua orientada para o tópico, como as línguas asiáticas (cf. Pontes, 1987, Kato, 1989, Galves, 1998, Negrão, 1999). Para Huang (1984) o que caracteriza uma língua de tópico é a língua dispor de objeto nulo de um tipo especial, o que é uma inovação do PB¹⁹, em relação ao PE. Kato propõe que tópico é uma categoria universal, mas a distinção entre línguas como o PB e o japonês, de um lado, de línguas como o inglês e o francês, de outro, está na possibilidade de extrair o complemento do nome para a posição de tópico e ainda na possibilidade de fazer essa extração recursivamente:

- | | | | |
|------|------------------------------------|-----|-----|
| (39) | a. Furou o pneu do carro da Maria. | PBC | PEC |
| | b. O carro da Maria furou o pneu. | PBC | |
| | b. O carro da Maria, o pneu furou. | PBC | |
| | b. A Maria, o carro furou o pneu. | PBC | |
| | c. A Maria, o carro, o pneu furou. | PBC | |

Outra similaridade do PBC com as línguas asiáticas está no domínio das interrogativas-Q. Uma outra mudança observada, nesse domínio, por Lopes Rossi (1995) é o aumento significativo de Q-in-situ, no PB, como perguntas reais e não apenas com função de eco, como em muitas línguas. É esta uma outra característica que o PB

¹⁸ Mesmo em dialetos que conservaram o **tu**, a flexão se neutralizou com a de 3ª pessoa.

¹⁹ V. Kato (2003) e Kato e Raposo (2001, 2005) para uma descrição das diferenças entre o objeto nulo do PEC e do PBC

aparentemente compartilha com o francês, língua que também permite Q-in-situ, mas neste a interrogativa sem movimento-Q é bem mais restrita do que no PB (cf. Kato, 2004). Comparando os wh-in-situ em jornais do PBC e do PEC, Kato e Mito (no prelo), encontram oito vezes mais in-situ no PBC do que no PEC

- (40) a. O sr. votou **em quem** na última eleição presidencial? PBC
d. Você saiu de lá **como**? PBC
e. Folha:- o governo paga **para quem** levar a empresa? PBC

O fato de não apresentar nenhuma restrição, podendo ocorrer em subordinadas e em ilhas, aproxima essas perguntas mais ao padrão das línguas asiáticas, línguas do parâmetro wh-in-situ (cf Kato, 2004).

Kato (2004) analisa mesmo os casos com aparente Q-fronteado do tipo em (41), como o resultado de uma clivada in-situ, com o apagamento da cópula e posterior apagamento do *que* :

- (41) a. Quem (que) o Pedro ama?
b. (É) [quem_i [(que) [o Pedro ama cv_i]]

Assim, enquanto o PEC exige um movimento adicional da palavra-Q para o início da sentença, o PB o mantém no primeiro pouso.

4. Conclusões

Nesse breve relato, vimos que o português apresenta mudanças substanciais desde a fase medieval, fase que se caracterizava como uma língua V2, com um sistema rico de clíticos e de flexões de concordância. Assim como o inglês e o francês, o PB perdeu as suas características V2, sendo o indício maior dessa mudança o aparecimento das chamadas estruturas clivadas canônicas, inexistentes no alemão, língua até hoje do tipo V2. Do rico sistema de clíticos, perde os não pessoais e o fenômeno do redobro, mas ainda mantém intacto o paradigma dos clíticos pessoais até o final do século XIX. Isso

afasta o português do francês e do italiano, por exemplo, que mantiveram os clíticos locativo e partitivo, e do espanhol e do PE, que mantiveram o fenômeno do redobro com os clíticos pessoais. O francês se afasta mais cedo das demais línguas românicas devido à perda das propriedades do parâmetro do sujeito nulo, mas o PB e o PE seguem o mesmo percurso, até o final do século XIX, no que diz respeito às propriedades desse parâmetro. Contudo, no final do século XIX, o PB passa a replicar as mudanças que ocorreram no francês, começando a perder as características de uma língua de sujeito nulo (omissão do sujeito pronominal, posposição do sujeito), indo mais adiante que o francês, com a perda do movimento longo do clítico. A perda do sujeito nulo e da inversão românica, segundo Kato (1999), foi desencadeada pela criação de um paradigma de pronomes fracos não clíticos, que se comportam como nomes, tendo seu caso atribuído/checado estruturalmente, como nas línguas asiáticas. A partir daí passa a adquirir certas propriedades das chamadas línguas de proeminência de tópico, a saber, objetos nulos referenciais (Galves, 1989), topicalização do tipo do chinês e do japonês, que licenciam alçamentos que não vêm de argumentos verbais (Kato, 1998), e interrogativas com *Q-in-situ* irrestrito (Kato, 2004).

Encerrando, podemos dizer que o Português entrou na América com traços de línguas germânicas, principalmente no que diz respeito à ordem dos constituintes, partilhou por um bom tempo de traços das línguas românicas, em suas características flexivas (sistema da concordância e clíticos), mas acabou se distanciando de suas irmãs ocidentais para se aproximar das línguas asiáticas, de proeminência de tópico.

5. Referências

- ADAMS, M. (1987). *Old French, Null Subjects and Verb-second Phenomena*. Tese de Doutorado, UCLA.
- ANDRADE BERLINCK, Rosane de (1995) *La position du sujet en portugais: étude diachronique des variétés brésilienne et européenne*. Tese de Doutorado, Katholieke Universiteit Leuven, Leuven, Bélgica.
- _____. (2000) Brazilian Portuguese VS Order: a diachronic analysis. In M.A.Kato & E.V.Negrão (orgs) .
- BAXTER, A. & D.LUCHESE (1997) A relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil. *Estudos lingüísticos e literários*, (nº especial): 65-83, Salvador, Universidade Federal da Bahia.

- BRITTO, H. de S. (1998) *Deslocamento à Esquerda, Resumptivo –sujeito, Ordem SV e a Codificação Sintática de Juízos Categórico e Tético no Português do Brasil*. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas, SP.
- _____. (2000) Syntactic codification of categorical and thetic judgments in Brazilian Portuguese. In M. A. Kato & Esmeralda V. Negrão (orgs) 195-222.
- CASTILHO, C.M.M. (2005) O Processo de Redobramento Sintático no Português Medieval. Tese de doutorado, UNICAMP, Campinas, SP.
- CYRINO, Sonia M.L. (1993) Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos . In I.Roberts & M.A.Kato (orgs) : 163-184.
- _____. (1997) *O objeto nulo no português do Brasil - um estudo sintático- diacrônico*. Londrina: Editora da UEL.
- DUARTE, M. Eugênia L. (1992) A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas qu- no português do Brasil. *DELTA* 8, N° especial:37-52.
- _____. (1993) Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In ROBERTS, Ian & Mary A. KATO (orgs.). 107-128.
- _____. (2000) The loss of the Avoid Pronoun principle in Brazilian Portuguese. In M.A.Kato & E.V.Negrão (orgs): 17-36.
- DUARTE, I.S (2000) Português europeu e Português brasileiro: 500 anos depois, a sintaxe. Paper presented at Congresso Internacional dos 500 Anos de Língua Portuguesa, Évora, Portugal.
- GALVES, C (1984) Pronomes e categorias vazias em Português do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*,7:107-136.
- _____. (1998) Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro", *Cadernos de Estudos Linguísticos* 34, pp.7-21..
- _____. (2003) "Sintaxe e estilo: a colocação de clíticos nos sermões do Padre Vieira", in E. Albano, M.I. Hadler Coudry, S. Possenti & T. Alckmin (orgs) *Saudades da Língua*, Mercado de Letras, pp. 245-260.
- GUY, G. R. (1989) On the Nature and Origins of Popular Brazilian Portuguese. In: *Estudios sobre Español de América y Lingüística Afroamericana*. Bogotá: Intituto Caro Y Cuervo, 1989. pp. 226-44.
- HUANG, J. (1984) On the distribution and reference of empty pronouns. *Linguistic Inquiry*, 15:531-574.
- JONES, M.A. (1996) *Foundations of French Syntax*, Cambridge: Cambridge University Press.
- KATO, Mary A. (1989) Sujeito e Tópico: duas categorias em sintaxe? *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 17 : 109-132
- _____. (1993) The distribution of null and pronominal objects in Brazilian Portuguese. In: W.Ashby, M.Mithun, G.Perissinoto & E. Raposo (eds) *Linguistic Perspectives on the Romance Languages: Selected Papers from the XXI Linguistic Symposium on Romance Languages* (Currents Issues in Linguistic Theory Series), 225-235, Amsterdam: John Benjamins.
- _____. (1999) Strong and weak pronominals and the null subject parameter *PROBUS*, 11,1: 1-38.
- _____. (2002) Pronomes fortes e fracos na gramática do português brasileiro. *Revista Portuguesa de Filologia*. Vol XXIV: 101-122, Coimbra.
- _____. (2004) Two types of wh-in-situ in Brazilian Portuguese. Trabalho apresentado no *Georgetown RoundTable, 2004*, Washington DC.
- _____. (2003) Null objects, null resumptives and VP-ellipsis in European and Brazilian Portuguese. In: . J.Quer, J.Schroten, M.Scorretti, P. Sleeman & E.Verheugd (eds) *Romance Languages and Linguistic Theory*. 131-154. Amsterdam: John Benjamins
- _____. M.L BRAGA, M.A.LOPES ROSSI, N.SIKANSI & V.R.CORREA (1997) Construções com palavras-Q no Português Falado. In: I.V.Koch (org) *Gramática do Português Falado, Vol VI.* , 303-368. Campinas: Editora da Unicamp/ FAPESP.
- _____. S.CYRINO, M.E.L.DUARTE & R.ANDRADA BERLINCK (no prelo) Português brasileiro no fim do século XIX e na virada do milênio. In:

- Suzana Cardoso et alii (Orgs.) 500 anos de história lingüística no Brasil. Salvador.
- _____. & Esmeralda V. NEGRÃO (2000c) . *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-IberoAmericana
- _____. & C.MIOTO (no prelo) A multi-evidence analysis of European and Brazilian Portuguese Wh-questions. Stephen Kepsner and Marga Reis (eds) *Linguistic evidence: empirical, theoretical and computational perspectives*. (ed), Ed,. Mouton de Gruyter.
- _____. & E. RAPOSO (1996) European and Brazilian word order: questions, focus and topic constructions. In C.Parodi, A.C.Quicoli, M. Saltarelli & M.L.Zubizarreta (eds) *Aspects of Romance Linguistics*. Washington: Georgetown U.Press, pp. 267-277.
- _____. (2001) O objeto nulo definido no português europeu e no português brasileiro: convergências e divergências. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística (APL 2001)*, Lisboa
- _____. (2005)) Objeto(s) e artigos nulos : similaridades e diferenças entre o português europeu e o português brasileiro. In: D. Moura (org.) *Reflexões sobre a sintaxe do português*. 73-96. Maceió: Edufal.
- _____. & I.RIBEIRO (2005) Cleft Sentences and wh-questions in Brazilian Portuguese: a diachronic analysis. Trabalho apresentado no LSRL-35 (Linguistic Symposium on Romance Languages -35) Austin, Texas
- _____. & F. TARALLO (1988). Restrictive VS syntax in Brazilian Portuguese: its correlation with invisible clitics and visible subjects. Trabalho apresentado na *Georgetown RoundTable in Languages and Linguistics 1988*. Washington DC.
- KAYNE, R. (1989) Null subjects and clitic climbing In O Jaeggli & K. Safir (eds) *The Null Subject Parameter*. Kluwer: Dordrecht
- LOPES ROSSI, M.A. (1993) Estudo diacrônico sobre as interrogativas do português do Brasil. In Ian Roberts & Mary A. Kato (eds.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 307-342.
- _____. (1996) *As Orações Interrogativas-Q no Português do Brasil : um estudo diacrônico*. UNICAMP: Ph. D.Dissertation.
- MARTINS, A. M. (1996) Clíticos na História do Português. Universidade de Lisboa: Tese de Doutorado..
- NARO A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*, 57:63-98, 1981.
- NARO, A. J. & SCHERRE, M. M. P.(2000) Variable Concord in Portuguese: the situation in Brazil and Portugal. In: McWhorter. John. (ed.) *Language change and language contact in pidgins and creoles*. John Benjamins, Amsterdam/Philadelphia.
- NEGRÃO, E.V. (1999) O Português do Brasil: uma língua voltada para o discurso. Tese de Livre-Docência. USP.
- NUNES. J (1990) Nominative pronoun reduction in Brazilian Portuguese. University of Maryland. ms
- _____. 1993) Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português-brasileiro. In Roberts & Kato (orgs), 207-222.
- PAGOTTO, E. (1993) Clíticos, mudança e seleção natural. In Roberts & Kato (eds), 185-206.
- PONTES, E. (1987) O Tópico no Português do Brasil. Campinas: Editora Pontes.
- RIBEIRO, I. (1995) Evidence for a Verb-Second Phase in Old Portuguese. In: Adrian Battye & Ian Roberts (eds.). *Clause Structure and Language Change*. New York: Oxford University Press, 110-139

- ROBERTS, I.(1993) *Verbs and Diachronic Syntax*. Dordrecht: Kluwer.
- _____ e M.A.KATO (orgs) (1993) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp.
- SORNICOLA, R (1988). It-clefts and wh-clefts :two awkward sentence types. *Journal of Linguistics*, 24, 348-79.
- TARALLO,F. (1993) Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In I. ROBERTS & Mary A. KATO (eds.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*, São Paulo, Campinas: Editora da Unicamp, 1983. pp. 35-68.
- TORRES MORAIS, M.A. (1993) Aspectos diacrônicos do movimento do verbo, estrutura da frase e caso nominativo no português do Brasil. In Roberts & Kato (eds), 263-306..
-